

A oralidade no ensino do Português como língua estrangeira

Damiana Sofia Ragageles Cristino

Relatório

de Estágio de Mestrado em Português como língua segunda ou estrangeira

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Português como Língua Segunda e Estrangeira realizado
sob a orientação científica da Professora Doutora Ana Maria Mão de Ferro Martinho
Carver Gale

Dedico esta etapa aos meus pilares. Os meus pais.

Agradecimentos

Agradeço aos meus queridos pais por me transmitirem os devidos valores, por sempre me terem apoiado nos meus sonhos e fazerem parte deles e especialmente por me darem força e por me reconfortarem nos momentos menos bons desta caminhada, sem eles nada seria possível porque tudo o que sou hoje deve-se a eles.

Ao meu protetor, o meu irmão, o meu verdadeiro amigo e companheiro, pelas gargalhadas sentidas, pelas conversas e pelo apoio que me tem dado ao longo da vida e em especial neste período.

Aos meus segundos pais, os meus avós, que sempre estiveram presentes e que sempre me deram a mão quando eu precisava. Obrigada pelo carinho e por nunca me deixarem cair.

Ao meu namorado pelo sentido de humor diário, pelas palavras de força e apoio, carinho e ajuda que me deu ao longo desta aventura e por aceitar a minha intensidade como ninguém.

Um grande obrigada a todos eles e que esta seja apenas mais uma etapa da minha grande caminhada.

Relatório de estágio em colaboração com a escola Português Et Cetera

Damiana Sofia Ragageles Cristino

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: português; ensino; língua estrangeira; oralidade; aprendizagem

O presente trabalho insere-se na área de português como língua estrangeira e tem como principal objetivo partilhar a minha experiência de estágio numa escola de português para estrangeiros durante 4 meses, em Lisboa. O relatório está dividido por capítulos que se dedicam ao período antes e durante o estágio. O foco do meu trabalho é a oralidade, já que é a parte que mais me interessa e entusiasma trabalhar. Como aprendente de línguas estrangeiras sei que a oralidade de uma língua é uma parte fundamental e que, para vivermos num país estrangeiro, temos de entender e ser entendidos pelos nativos dessa língua. Partilharei o meu percurso na área do português como língua estrangeira desde o início até ao momento em que me tornei independente. Decidi aprofundar este tema porque considero que está pouco desenvolvido e que deveria haver mais investimento nesta área dentro da aprendizagem de uma nova língua.

Internship report with collaboration of Escola Português Et Cetera

Damiana Sofia Ragageles Cristino

ABSTRACT

KEYWORDS: portuguese, teaching; foreign language; orality; learning

The following report concerns portuguese as a foreign language and its main objective is to share my internship experience of 4 months in a school teaching portuguese to foreign students from all over the world in Lisbon. This report is divided by chapters concerning the period before and during the internship. The main focus of my work is the orality, since it is the subject that interests me the most and that I enjoy to work with. Being a student of foreign languages I know that speaking a language is crucial, and when you live abroad, one must understand and be understood by the native language speakers. I'll share my journey studying portuguese as a foreign language from the beginning until the moment I've become an independent speaker. Also, I have decided to deepen the subject of orality because I consider it underdeveloped and it should have more support for this learning skill concerning a new language.

ÍNDICE

Introdução.....	1-4
Capítulo I: Escola Português Et Cetera	5
1. 1. O meu percurso	6
1. 2. As minhas turmas	8-13
Grupo extensivo nível B1.1	8
Grupo intensivo A1/A2.....	9
Grupo extensivo A1.1	10
Grupo intensivo A1/A2.....	11
Clube de conversação	12
I. 3. Dificuldades	13
Capítulo II: Problemática da oralidade	15
Conclusão.....	18
Bibliografia.....	19

INTRODUÇÃO

A língua portuguesa tem-se espalhado pelo mundo de uma maneira surpreendente e de um modo galopante. O meu sonho sempre passou pela área de português e, comparando com tempos passados, este é um âmbito que está em constante desenvolvimento e crescimento. Fenómenos como as imigrações estão muito ligados a este crescimento, porque nos últimos anos temos vindo a assistir a uma crescente vinda de imigrantes para o nosso país e isso implica mais pessoas a precisarem de saber falar português para aqui viverem, uma vez que é a língua nativa.

Decidi escolher o tema da oralidade não por ter a intenção de desenvolver uma teoria na área, mas sim para tentar compreender a sua importância na aprendizagem de uma língua estrangeira e instigar os alunos a tentarem ao máximo produzir discurso oral. Como aprendente de línguas estrangeiras entendo a perspetiva do aluno e percebo que a oralidade é muito importante neste processo de aprendizagem porque é o que nos permite ter contacto direto com a língua e os seus falantes. Não quero com isto dizer que menosprezo a escrita ou a gramática pois também são essenciais no processo de aquisição de uma língua. No entanto não se deve focar a aprendizagem de uma língua estrangeira somente nestas duas vertentes porque isso seria descurar a oralidade que funciona como uma fonte de motivação porque o aluno, ao produzir cada vez mais discurso e tendo a noção dos seus erros, fica motivado para continuar a melhorar e a corrigi-los. Quando o aluno percebe que está a entender o seu interlocutor e consegue produzir simples frases como resposta, sente-se estimulado e com vontade de continuar a aprender para conseguir ser um utilizador independente da língua.

O meu percurso por esta área iniciou-se com uma experiência deveras desafiadora e muito invulgar para mim, uma vez que nunca antes tinha trabalhado nesta área apesar de ter um enorme interesse. Tive esta oportunidade no início do verão de 2019 e aproveitei porque considerei ser uma boa preparação para o início do meu estágio. A minha primeira experiência foi com uma turma de imigrantes, todos provenientes do Nepal, Índia e Bangladesh. A língua que tínhamos em comum era o inglês e mesmo assim poucos eram os alunos que falavam fluentemente essa língua. Neste caso, dado o meu público, estava perante uma situação de ensino de uma língua

segunda uma vez que esta está relacionada com “integração social, aprendizagem escolar e acesso ao saber”¹. Foi desafiante porque, para além de ser um público difícil e díspar em termos de idades, era também um grupo muito heterogéneo em termos de habilitações literárias. Confesso que essa foi a característica que tornou toda a situação num desafio difícil de ultrapassar, o que me fez perceber que a literacia é um fator fundamental para a aprendizagem de línguas estrangeiras. A motivação é outro dos elementos essenciais para a aprendizagem de um idioma diferente e, havendo alunos sem literacia, essa motivação acaba por se ir desvanecendo. É importante salientar que o público que tive era dotado de características muito especiais, muitos andavam à procura de emprego e não consideravam que aprender português fosse importante para a sua integração. No entanto, também eram muitos os que queriam realmente aprender e precisavam da língua para a sua atividade profissional, como foi o caso de um dos alunos que trabalhava no ramo da restauração.

A planificação das aulas foi feita por mim e, considerando o meu público-alvo, decidi que cada aula teria um tema e que daí iríamos partir para estruturas frásicas e aspetos gramaticais porque percebi que ao iniciar a aula com uma temática particular os alunos estariam mais atentos. Uma vez que o meu público era muito específico houve aspetos a que dei mais importância do que a outros. Era muito importante para aquelas pessoas saberem o máximo de vocabulário possível, ainda para mais se a sua língua materna é tão distinta da língua em aprendizagem. Centrei-me no modo indicativo, nomeadamente no presente do indicativo, no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito. Para lhes dar uma noção de futuro dei-lhes a estrutura *ir + infinitivo*. Sendo um curso de preparação para o dia-a-dia deles, em Lisboa, a finalidade era que produzissem discurso e conseguissem estabelecer diálogos entre eles, em português, e com os nativos. Daí o meu foco ter sido no vocabulário e em estruturas frásicas simples que lhes permitissem comunicar. A cada duas semanas era feito um pequeno teste para avaliar o que o aluno tinha aprendido e decidi que essa pequena avaliação seria na rua – em supermercados, pequenas lojas de conveniência, centros de informação e turismo – com falantes nativos da língua. Uma simples ida ao supermercado fez com que eles se

¹ Ançã, M.H, 2005, Comentário da conferência O ensino/aprendizagem de uma língua a falantes de outras línguas, de Maria José Grosso

sentissem confortáveis e que constatassem que o que estavam a aprender os ia realmente ajudar no dia-a-dia. Muitos deles precisavam de saber onde ficava o centro de saúde da sua residência, a segurança social, o supermercado, o talho, entre outros lugares, e por isso punham em prática o que tinha sido lecionado nas aulas. Foi uma atividade importante quer para os alunos, que realmente perceberam que o que aprenderam os iria ajudar, quer para mim pois percebi a necessidade de os alunos saírem da sua zona de conforto e do espaço da sala de aula para porem em prática os conhecimentos adquiridos; foi também uma forma de os tornar mais independentes e de os motivar. O Quadro Europeu Comum de Referência (QECR, 2001) diz que “Língua, cultura e sociedade são indissociáveis, cabendo à língua o papel de transmissor da cultura e de representação de uma imagem do mundo em que se espelham diferentes realidades”², ou seja, um professor de língua estrangeira não pode somente transmitir e desenvolver as competências lexicais ou gramaticais, a função do professor de língua estrangeira é também partilhar a cultura do país. Por isso, considero correto podermos denominar a língua como uma língua-cultura, o que faz realmente sentido, uma vez que neste grupo que tive foram muitas as vezes em que lecionei a língua-cultura e não somente a língua em si porque considero que para o tipo de público que tive é especialmente importante entender e conhecer a cultura do país onde vão viver. Como primeira experiência, apesar de ter sido um grande desafio, correu muito bem e gostei de ter contacto com estas pessoas e de tentar que a sua integração em Portugal fosse um pouco mais fácil.

Um marco importante com que pretendo iniciar o meu trabalho é o Dia Mundial da Língua Portuguesa que, pela primeira vez, foi determinado e atribuído a uma língua que não é uma língua oficial da UNESCO. Dia 5 de Maio é o dia e, como tal, sendo portugueses e patriotas é de ficar orgulhosos por termos um dia dedicado à nossa língua. Os argumentos favoráveis atribuídos por figuras importantes do nosso país e pelos países lusófonos foram imensos, nomeadamente, como sendo a língua mais falada no

² QECR. (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação*. Portugal, 11

hemisfério sul e ter sido língua da primeira vaga de globalização e que deixou marcas noutras línguas. Por tudo isto é visível a crescente importância que a nossa língua tem vindo a ter. Não é de espantar pois a nossa língua seja a sexta mais falada do mundo e, como tal, é necessário haver cada vez mais recursos para dar resposta a este crescimento da procura da aprendizagem do idioma. E que melhor recurso do que escolas de português como língua estrangeira? Para o meu estágio fiz uma pesquisa de várias escolas que fornecessem cursos de diversos tipos e encontrei a *Português Et Cetera* que precisava de estagiários, decidi candidatar-me e fui aceite.

Esta reflexão está organizada por capítulos dedicados a vários momentos do meu estágio e também aos vários grupos que tive enquanto estagiária. No último capítulo pretendo fazer uma breve consideração sobre a importância da oralidade, nomeadamente aspetos positivos e negativos da sua utilização em sala de aula.

Sendo que “a principal finalidade do ensino é ajudar os alunos a tornarem-se independentes e auto-regulados”³, cabe ao professor fornecer aos alunos os materiais necessários e as noções básicas da língua para estes serem autónomos. Foi nesta base que me foquei e tentei dar aos alunos o máximo de conteúdos e de materiais para assim se poderem tornar independentes.

³ Arends, Richard I. (2008). *Aprender a ensinar*. McGraw Hill, 17

Capítulo I

Escola Português Et Cetera

Esta é uma das primeiras escolas a aparecer exclusivamente para o ensino do português como língua estrangeira e que conta com certificação como centro de formação. A escola tem já mais de dez anos de experiência no ensino da língua e é dotada de métodos inovadores e constante formação. O processo de seleção dos alunos é feito pela equipa pedagógica. Inicialmente é feito um '*placement test*', um teste de nível, através da internet, depois de o aluno iniciar o seu processo de inscrição. A equipa pedagógica é muito importante para os alunos pois é a ponte entre eles e a escola. Depois desse teste de nível é feito um teste linguístico presencialmente e de seguida a equipa pedagógica insere o aluno numa turma mediante a sua disponibilidade, o tipo de curso que pretende e a intenção que tem ao estudar a língua. A equipa pedagógica pede sempre o parecer da primeira aula dos alunos ao professor, uma etapa fundamental neste processo para obter certezas de que o aluno está no nível indicado para si. Se o professor vir que o aluno não está no nível indicado para si este último transita para outra turma de nível apropriado. A equipa pedagógica solicita também uma apreciação aos professores através de relatórios que são pedidos semanalmente com a finalidade de se manter atualizada em relação às faltas, matéria lecionada e situações administrativas, algo importante pois com a constante chegada de alunos novos é necessário a equipa pedagógica saber em que ponto da matéria o professor está para assim colocar os novos alunos nas turmas certas.

Inicialmente comecei com reuniões com a diretora da escola para me transmitir toda a informação sobre a escola e o seu funcionamento e como estão organizados os cursos. A escola tem três tipos de cursos: grupos extensivos, intensivos e aulas privadas. Os cursos extensivos podem ser duas ou três vezes por semana, mediante escolha do aluno, e as aulas têm a duração de uma hora e meia. Os cursos intensivos normalmente são de duas semanas ou mais, também segundo escolha do aluno. São aulas diárias com

duas horas e quarenta e cinco minutos de duração. As aulas privadas são aulas onde o aluno está sozinho com a professora e consegue tirar o máximo partido disso.

A diretora explicou-me que a escola trabalha com um método específico, o método comunicativo, e também com uma imersão linguística bastante forte. A intenção é o aluno sair da escola a saber o máximo que puder e, como tal, é importante ser submetido a uma imersão linguística para tirar o máximo proveito desta experiência desde o momento em que chega à escola até ao momento em que sai. O método comunicativo é o indicado para quem pretende adquirir uma língua num curto espaço de tempo pois é submetido a uma imersão linguística onde há uma constante habituação auditiva. Algumas das características importantes desta abordagem são a contextualização da linguagem, que leva o professor à criação de situações e oportunidades para que haja interação entre a turma e para que as situações que se criam em sala de aula sejam reais. Uma outra característica é o uso predominante da linguagem autêntica, a língua-alvo.

1.1 O meu percurso

Como supramencionado o meu percurso na escola começou com reuniões com a diretora onde me mostrou a filosofia da escola e me deu algumas noções básicas de funcionamento da mesma e das aulas. De seguida, fiz trabalho de pesquisa e análise de manuais didáticos onde analisei e fiz várias comparações com a finalidade de conhecer ao máximo todos os materiais didáticos com que poderia vir a trabalhar. Analisei também em detalhe o manual que a escola utiliza, intitulado “*Gramática Ativa*”, que é o manual utilizado pelos alunos e destinado a trabalho em sala de aula ou em casa mediante escolha dos professores. Passei as três semanas seguintes a fazer trabalho de observação onde assisti a aulas de várias professoras da escola de diferentes níveis, nas quais pude observar o decorrer e a fluidez das mesmas de maneiras diferentes, devido às diversas técnicas e métodos que cada professora utiliza. Estando como aluna durante esta fase de observação, pude compreender o lado dos alunos e isso ajudou também a perceber o tipo de professora que queria ser. Assisti a aulas de cinco professoras e cada uma utilizou os materiais didáticos que preferiu e os métodos de ensino que consideram mais eficazes - por exemplo, o manual que a escola utiliza não foi usado por todas as

professoras da mesma maneira; algumas professoras utilizavam-no mediante a matéria que iam dando e até houve o caso de haver professoras que não chegaram a usar o manual porque preferem uma abordagem mais comunicativa e consideravam que trabalhar com o manual torna as coisas muito sistemáticas. Tal aplica-se também ao uso do português em sala de aula. Como mencionei, a abordagem comunicativa tem como característica a utilização da língua de forma autêntica e sendo esta uma escola que prima pela imersão linguística, o uso do inglês ou de outra língua auxiliar com a intenção de chegar mais rapidamente ao aluno, deve ser escasso ou nulo. É importante o professor tentar que o aluno consiga entender através do português e essas tentativas podem ir desde mímica, gestos, uso de sinónimos ou desenhos no quadro. Creio que para o aluno esta imersão linguística, apesar de difícil, quer para o mesmo quer para o professor, é muito importante no processo de aprendizagem de uma nova língua porque leva o aluno a sentir-se mais preparado e próximo da língua. Mas, por vezes, esta tentativa de utilização da língua-alvo na aprendizagem é difícil e leva o professor a recorrer ao inglês em sala de aula quer para alguns conceitos quer para algumas explicações gramaticais que são essenciais para o entendimento do aluno. Nas aulas que posteriormente lecionei, e continuo a lecionar, faço questão de usar o inglês unicamente se perceber que a turma o pretende e em algumas questões de vocabulário. Ao fazer este trabalho de observação de aulas entendi que há diferença entre os alunos de professores que usam na sua maioria o português na aula e o professor que na sua aula recorre muito ao inglês ou a outra língua de acesso ao seu público. A verdade é que tendemos sempre a facilitar utilizando o inglês, principalmente por razões afetuosas porque queremos chegar aos alunos e criar de início uma ligação que facilite a pré-disposição para a aprendizagem. Mas sendo a imersão linguística tão importante, não devemos ceder ao facilitismo e, por isso, devemos ao máximo utilizar a língua em estudo apesar das potenciais dificuldades.

Apesar de já ter a noção da importância do planeamento das aulas devido ao meu percurso académico e na anterior experiência profissional, com a observação das aulas essa importância foi ainda mais evidente para mim. Entendi que uma boa planificação é muito importante para uma boa aula. Inevitavelmente acontecerá o caso de o professor ter de improvisar, o que me aconteceu diversas vezes, no entanto é

necessário o professor ter atividades de reserva para o caso de a aula não decorrer conforme tinha planeado. Percebi que o professor deve ter certas características como demonstrar confiança, mostrar-se prevenido e ser flexível a fim de os alunos sentirem que estão perante alguém que tem a aula controlada e que sabe o que diz e o que faz.

1.2 As minhas turmas

Durante o período do estágio as turmas iam sendo delegadas conforme a disponibilidade dos professores e a quantidade de alunos que iam aparecendo na escola. Durante estes quatro meses dei dois cursos intensivos e dois cursos extensivos. Todos eles de níveis diferentes e todos eles foram experiências únicas porque cada turma é única. Fui também incumbida de dinamizar um clube de conversação que a escola promove para os alunos uma vez por semana.

Grupo extensivo nível B1.1

A primeira experiência que tive na escola foi um pouco avassaladora. Foi um curso extensivo duas vezes por semana com dois alunos belgas, uma aluna francesa, uma argentina, um americano e um alemão. Substituí uma professora que estava com a turma já há algum tempo e, desde logo, percebi que iria ter dois grandes desafios. O primeiro seria integrar, de repente, numa turma já num nível avançado e sem noção do seu *background* linguístico e das suas competências. O segundo grande desafio estaria relacionado com a questão da empatia e a necessidade de ultrapassar a primeira impressão e conseguir chegar aos alunos. Sendo uma turma que já estava conectada com a professora e com a sua maneira de ensinar, tive de tentar percebê-los e adaptar-me à forma indicada de trabalho para eles. Apesar de tudo, graças à minha facilidade de adaptação e também graças ao facto de ter sido aluna de línguas diversas vezes, relembrando que eu própria passei por isso, consegui criar uma ligação com eles. Foi uma turma muito boa de trabalhar e já tinham uma ótima fluência linguística e um conhecimento da língua bastante avançado. Todos vivem e trabalham em Portugal e

tinham a mesma finalidade que era conseguir comunicar da melhor maneira possível e, como tal, a oralidade para este grupo foi o mais importante e ao longo do curso foi nessa questão que me foquei, não deixando de lado a escrita porque também a considero importante e necessária para uma produção oral completa e bem estruturada. O meu planeamento para estas aulas consistiu, maioritariamente, na produção e compreensão oral, compreensão escrita e exercícios gramaticais sobre o modo conjuntivo. Fazíamos a leitura de um texto todas as aulas e aí viria expresso o elemento gramatical que iríamos aprender. O tipo de atividades que mais utilizei com esta turma foram atividades por inferência, isto é, atividades nas quais o aluno deve deduzir algo que não está explícito, ou seja, é o próprio aluno a decifrar a regra gramatical. Considero que é mais fácil para o aluno primeiro ter contacto com a estrutura e depois entender as regras gramaticais, por isso todas as aulas dedicava uma parte a cada destreza. Tentei ir sempre ao encontro dos alunos e peguei em situações reais, muitas vezes relacionadas com as suas atividades profissionais, para criar diálogos, debates e discussões. Depois de umas semanas com a turma consegui ter uma noção do que gostavam e das suas opiniões e pelo menos uma hora da semana estava reservada à prática da oralidade. Muitas vezes fazíamos debates sobre temas da atualidade pois toda a turma era muito comunicativa e os alunos gostavam muito de conversar e de partilhar ideias. Com esta turma iniciei um ritual: comecei a dar espaço no início da aula para todos dizerem o que lhes apetecia e da minha parte apenas ouvia a pergunta “Como estão hoje? Como tem sido a vossa semana?”. Era incrível o desenrolar da oralidade que se via a partir desta simples questão, os alunos falavam sem serem interrompidos e cada um transmitia a ideia que queria e contava aos outros como estava e o que tinha feito. Este ritual de partilha promove a interação entre os alunos e incentiva-os a comunicar e a saírem da sua zona de conforto.

Grupo intensivo A1/A2

De seguida, foi-me atribuído um curso intensivo de *beginners* onde tinha uma aluna espanhola, dois americanos e uma australiana. Foi uma experiência ótima e consegui falar somente português durante as duas semanas de curso. O *background* linguístico dos alunos era muito interessante porque de alguma forma já todos tinham

contacto com a língua e quase todos sabiam falar espanhol; por isso, foi uma boa experiência porque houve muita facilidade na comunicação e houve uma notável evolução em todos eles. Com a exceção da aluna espanhola todos os outros tinham vindo viver para Lisboa e a sua maior necessidade era aprender a comunicar em português. Foi o meu primeiro grupo intensivo, dez dias em que partilhámos três horas do nosso dia. Considero que foi um grupo especial e que criei uma ligação com eles. Dentro das várias atividades que realizámos, o que mais trabalhei com esta turma foi a competência gramatical e a produção oral. Sentia por parte dos alunos a necessidade de criarmos momentos somente para essa oralidade, uma vez que adquiriam rapidamente as estruturas gramaticais.

A turma foi muito boa de trabalhar e até se deu o caso de eles próprios começarem a criar uma certa ironia e de conseguirem percebê-la entre si e transmiti-la. Colocando-me eu no lugar dos alunos quando também aprendi uma língua estrangeira, entendo que chegar ao nível em que percebemos a ironia e o sarcasmo de um falante é realmente chegar a um bom nível de comunicação.

Grupo extensivo A1.1

A experiência que tive depois foi completamente diferente. Foi-me atribuído um curso extensivo com aulas duas vezes por semana. A turma era composta por quatro alunos: dois tunisinos, uma libanesa e uma egípcia. Eram os quatro amigos e tinham a mesma língua materna, o árabe. Sendo esta uma língua tão distante da nossa foi difícil nos primeiros tempos conseguir encontrar o método de ensino que se adequasse à turma. Como já trabalhavam em Lisboa há alguns meses, já estavam habituados ao som da língua e ao seu ritmo. No entanto, para que conseguissem entender certo vocabulário e certas regras gramaticais, foi inevitável recorrer ao inglês. Depois de algumas semanas a tentar ao máximo que conseguissem utilizar o português em mais de metade da aula finalmente começaram a aceitar a língua e a produzir discurso.

Devido às características desta turma percebi que devemos estar abertos e disponíveis para a aprendizagem de uma língua. Todos trabalhavam numa linha de apoio ao cliente na sua língua nativa, ou seja, durante o dia não tinham a possibilidade de

tentar comunicar em português, cada um tinha a sua função e responsabilidades no trabalho; para acrescentar a isso todos eles se levantavam às três da manhã para começarem a trabalhar às cinco e terminavam às duas da tarde. Dois dos alunos tinham responsabilidades maiores, portanto acontecia que tinham de ficar muitas vezes até mais tarde no trabalho. Sendo que as aulas eram ao final do dia, porque só tinham disponibilidade a essa hora, muitas vezes os alunos chegavam já visivelmente cansados e sem energia. Nesta turma foi este o obstáculo que tive, ainda mais difícil do que a questão da diferença linguística. A evolução da turma foi realmente lenta e, devido aos seus horários, a turma realizou três módulos e decidiu continuar quando tivesse uma maior disponibilidade.

Grupo intensivo A1/A2

A última experiência que tive foi novamente com um outro grupo intensivo que tinha aulas todos os dias e que contava com quatro alunos, um americano, uma belga, uma suíça e uma italiana. Duas das alunas viviam em Portugal e a sua intenção era aprender a comunicar e a conseguir entender os nativos, o aluno americano aprendia por interesse e a aluna italiana por questões profissionais. Foi um grupo bom para trabalhar, havia compreensão oral do português por parte dos alunos e até alguma fluidez no discurso, mas houve alguma resistência ao português por parte do aluno americano. Durante a primeira semana trabalhei com eles alguns aspetos que considerei mais importantes – como a diferença entre pretéritos e algumas questões básicas de vocabulário - e aí percebi que a aluna belga conseguiria evoluir bastante rápido, por isso, na segunda semana a aluna transitou para uma turma de nível mais avançado. A aluna italiana queria ter somente uma semana de aulas e, por isso, na segunda semana já não estava presente. Fiquei com o aluno americano e a aluna suíça. Foi interessante trabalhar com apenas dois alunos, principalmente dois alunos tão diferentes. A aluna suíça, em termos de oralidade, estava visivelmente à vontade e produzia discurso bastante bem; no entanto, tinha uma tremenda dificuldade na distinção entre pretérito perfeito e pretérito imperfeito. Já o aluno americano tinha bastante dificuldade na oralidade, mas em termos gramaticais estava muito à vontade. Dois alunos com dificuldades bastante diferentes e, durante esta última semana, foi nestas duas

destrezas que me foquei: produção oral e competência lexical. Procurei em diferentes manuais o modo de tratamento desta questão do pretérito perfeito e imperfeito, as suas formas e os seus usos. Considero muito importante haver um bom domínio destes dois tempos verbais para o aluno conseguir avançar para utilizador independente. As nossas aulas eram divididas em duas partes: a primeira parte dedicada à gramática, nomeadamente à utilização e distinção dos dois tempos verbais em causa; a segunda parte dedicada à produção oral onde normalmente líamos um texto com novo vocabulário e daí trabalhávamos a oralidade. Consegui trabalhar nas dificuldades dos alunos apesar de serem bastante diferentes. É um dos maiores desafios para os professores, uma vez que os alunos não são todos iguais e têm dificuldades distintas, por isso, é necessário o professor ter capacidade de adaptação e flexibilidade.

Clube de conversação

Para além de ter dado estas aulas a diferentes níveis de proficiência, também fui encarregada de um clube de conversação, duas vezes por semana, uma hora por aula. Este clube consistia em provocar a conversa entre os alunos. Como o próprio nome indica, servia para os alunos conversarem entre si e quanto menos o professor falasse melhor para os alunos porque significaria que a conversa entre eles estaria a fluir. Dei este curso durante três meses e durante esse tempo tive alunos completamente diferentes. Sendo um clube, e não uma aula de frequência obrigatória, são os alunos que decidem se querem ou não participar no clube. Durante as aulas a primeira coisa que se fazia era falar da semana de cada um e, quando havia alunos novos - o que acontecia todas as semanas porque ingressavam na escola estudantes novos com frequência - fazíamos a apresentação de cada um, o que seria uma aptidão já adquirida com as aulas que frequentavam e necessária também para eu conseguir ter a noção de como seria o nível de oralidade de cada aluno antes de debatermos qualquer temática. De seguida, lançava um tema e daí partíamos para uma conversa onde cada um teria o seu tempo para falar, argumentar contra ou a favor e partilhar as suas ideias sobre o tema. Ao longo destes meses aprendi bastante sobre diferentes países, costumes, ideias e distintas opiniões. Foi uma boa oportunidade para desenvolver atividades de oralidade, que muitas vezes são difíceis de criar devido à escassez de materiais ou o

professor não tem tempo para as fazer, daí recorrerem a atividades dos manuais. Tratava-se de simples atividades como uma pequena encenação, uma história criada por eles, partilhas de ideias, simulações de situações onde utilizariam a língua, criações de itinerários de viagens, entre outros. Considero, por isto, que aulas onde somente tratamos da oralidade e fomentamos o pensamento linguístico na língua de aprendizagem deveriam existir em todas as escolas de idiomas. A sala de aula deve ser, para além de um lugar onde os alunos aprendem as regras da língua, um espaço onde os alunos praticam a língua-cultura num ambiente propício a isso e, neste clube, era realmente o que acontecia: debatíamos culturas, ideias, opiniões e interesses.

1.3 Dificuldades:

Ao longo do meu estágio deparei-me com duas grandes dificuldades: a necessidade de comunicação fora da sala de aula por parte dos alunos e a escassez de recursos.

Muitos alunos mostraram preocupação com a falta de tentativa de comunicação por parte dos nativos, ou seja, muitos deles sofriam do mesmo problema. Quando tentavam falar português com a finalidade de praticar na rua, num café, numa loja, a resposta que recebem é sempre em inglês e isso muitas vezes deixa-os desmotivados e reticentes a falar a língua fora da escola. Na turma de extensivo que tive com alunos árabes todos se queixavam desse mesmo problema: não ter onde praticar fora das aulas. Como tal, e não só com este grupo em questão, mas com todos os que tive, quando percebia que já tinham adquirido as estruturas gramaticais básicas passava para a destreza oral. No entanto, é importante os alunos terem a noção de que qualquer prática é boa, até mesmo se não praticarem a língua com os nativos podem praticá-la com pessoas que também estejam a aprender a língua. Todas essas pequenas tentativas de falar a língua, seja em que ambiente for, ajudam a construir a confiança de que precisam. Devem utilizar pequenas frases, num português bastante simples e pequenas estruturas que sabem que estão corretas para que se possam focar unicamente na mensagem que querem transmitir. A confiança é um fator importante, por isso quanto mais praticamos mais convictos ficamos do nosso próprio valor.

Dentro desta temática da oralidade, onde senti mais dificuldades por parte dos alunos, principalmente em alunos hispano-falantes, foi em questões relacionadas com a fonética e a pronúncia. A vogal “a” causou muitos problemas pois o facto de poder ter várias leituras e o seu som mudar faz com que seja difícil perceber, em termos fonéticos, a pronúncia da vogal. Na minha opinião, seria proveitoso haver aulas ou *workshops* de pronúncia e de dicção da língua porque a oralidade é muito importante para quem aprende uma língua estrangeira, especialmente uma língua como o português que tem para uma mesma letra diferentes sons. Ao longo do meu estágio senti que os alunos tinham a necessidade de saber pronunciar corretamente os sons, daí a minha sugestão de criação destas aulas mais práticas onde o aluno poderia aprofundar o seu conhecimento da fonética da língua em aprendizagem. A realidade é que percebi que muitos dos alunos não sentiam que conseguiam efetivamente comunicar corretamente se não soubessem pronunciar perfeitamente um determinado som.

Uma outra dificuldade que encontrei foi realmente a escassez de materiais didáticos para a competência oral. Depois de analisar vários manuais percebi que há muito poucas atividades orais. A maior parte das vezes, quando queria fazer uma atividade oral com os alunos, escolhia de um manual, um texto ou alguma tarefa que me agradasse e alterava-a criando a minha própria versão com esse exercício do manual. A escassez de recursos, principalmente no que toca à oralidade, leva o professor a ter de ser ele próprio a criar os seus materiais e a ser criativo.

Capítulo II

Problemática da oralidade

Este é um tema pertinente. Primeiro é importante salientar que a maior parte das escolas dá à gramática e ao vocabulário uma maior importância. Muitos são os professores que acabam por descurar esta parte da fluência e da dicção talvez por ser aí que as dificuldades são mais notórias. Essas dificuldades levam os professores a apoiarem-se mais nos manuais e a utilizarem o inglês. Para acrescentar a esta desvalorização, cabe destacar que a oralidade não está presente em muitos planos de avaliação. Isto leva a uma crescente valorização da escrita e da gramática que acabam por ser lecionadas intensivamente provocando cansaço e desmotivação nos alunos. É por isto evidente que há problemas na oralidade.

Quando apareceram os primeiros métodos de ensino de línguas estrangeiras, o método áudio-oral tornou-se conhecido por ser trabalhado com soldados na II Guerra Mundial, que tinham funções de tradutores e, como tal, deviam falar a língua estrangeira. Essa aprendizagem fazia-se por habituação auditiva, ou seja, quanto mais ouvissem a língua mais facilmente a conseguiam produzir e focavam-se especialmente na pronúncia. É um dos métodos que produz falantes da língua mais rapidamente. Considero este método interessante e necessário porque se apoia muito na compreensão auditiva e produção oral, provocando uma imersão linguística, exatamente o que penso ser necessário para obter alunos fluentes numa língua estrangeira.

Algumas das atividades que considero muito úteis em sala de aula para promover a oralidade são atividades de repetição de sons, podem ser consideradas como atividades arcaicas, mas depois da minha experiência profissional como estagiária percebi que é realmente importante e necessário para os alunos. Não chega apenas a voz do professor e a sua pronúncia, é importante os alunos ouvirem outras vozes e outras dicções. Um exemplo disto foi a minha turma de nível B1.2. No início, lia a maioria dos textos com eles em voz alta, mas depois de algumas vezes a ouvir sempre as mesmas vozes, os alunos pediram-me que colocasse o texto para que eles ouvissem, o que faz bastante sentido porque na aprendizagem de uma língua é importante sermos confrontados com algo diferente para testar o nosso ouvido para os sons dessa língua.

Desde aí que percebo que é realmente necessário os alunos ouvirem os textos em versão digital. Para além de ajudar na compreensão auditiva é importante também para a aquisição de vocabulário novo, por exemplo, começar uma atividade de leitura imediatamente com o texto em versão auditiva vai provocar nos alunos surpresa e necessidade de atenção porque é uma dicção diferente da que estão habituados. É importante também salientar que todas as atividades que se realizem em aula, quer sejam de produção oral, de produção escrita, de compreensão auditiva ou de compreensão escrita, devem sempre ter contexto, serem situações reais e autênticas. Daí a importância da criação de materiais autênticos. Em termos de criação de atividades, para que trabalhem a oralidade são necessárias tarefas bastante diferentes como jogos de palavras, gravações, debates, vídeos com diálogos e em contextos reais, atividades que lhes estimulem a fala.

Numa aula de língua estrangeira é importante haver uma ligação das quatro *macro-skills*: ouvir, falar, ler e escrever. Uma aula que trabalhe estas quatro competências é uma boa aula. De entre as quatro *macro-skills*, a que apresenta mais problemas é a fala. Esta é a que cria mais obstáculos durante a aprendizagem e, como tal, é considerada como um processo complexo. A razão centra-se no facto de a produção oral refletir a aprendizagem da forma e também se torna um desafio porque é um ato de fala que ocorre em tempo real e não há tempo para preparar previamente o discurso. Daí a importância de trabalhar ao máximo a gramática e o vocabulário para que o aluno se sinta capaz de reproduzir oralmente o que está a pensar. Uma competência bastante importante em todo este processo de aprendizagem de línguas é a audição. Ouvir é uma das técnicas de comunicação que mais exige a concentração do aluno pois, em média, um adulto passa cerca de 40-50% da comunicação a ouvir (Gilman & Moody, 1984). Por isso, para uma melhor pronúncia e perceção dos diferentes sons da língua portuguesa os alunos precisam de ouvir e de repetir.

O desenvolvimento da competência oral engloba saberes que vão desde os conhecimentos linguísticos e culturais até à pragmática. Cabe ao professor o papel de motivador para os alunos falarem a língua em contexto de aprendizagem em sala de aula. Por isso, é importante o professor desenvolver atividades comunicativas básicas como cumprimentar alguém, despedir-se, pedir informações e dar opiniões. É

necessário que o professor trabalhe várias vezes estas questões em sala de aula para os alunos se sentirem confortáveis na produção oral. Nas minhas aulas com grupos *beginners* de cursos intensivos, todas as aulas colocava algumas questões sobre cada um com o objetivo de os conhecer até que, na segunda semana, já eram eles que, automaticamente, faziam perguntas uns aos outros mostrando curiosidade e a necessidade de produzir discurso. Nas atividades comunicativas devem ser refletidas as situações reais de comunicação onde cada pessoa que participa na conversação transmite informações relevantes num determinado contexto.

Ensinar uma língua estrangeira não é apenas aplicar as metodologias e as estratégias que são consideradas as mais corretas. Ensinar uma língua envolve a percepção que o professor tem dessa mesma língua. Por isso, é importante o professor não considerar os alunos como simples recetores de informação e, por isso, criar atividades que os estimulem e, especialmente, que os motivem porque a motivação é um fator muito importante para a aprendizagem de uma língua estrangeira. O professor deve também tentar prever as situações em que os alunos darão uso à língua e conhecer os motivos do aluno para a aprender. Um exemplo disso foi um aluno que tive que estava a aprender português porque era a sua língua de trabalho e que me pediu que desse mais vocabulário relacionado com a sua atividade profissional.

A aprendizagem de uma língua estrangeira deve ter sentido, ou seja, com os conteúdos lecionados é importante o professor despertar nos alunos certos problemas que os levem a recorrer a conteúdos previamente lecionados e os juntem aos que estão a aprender. Isso fá-los ficar motivados e ter mais vontade de aprender conteúdos novos.

CONCLUSÃO

Dado que o tema selecionado para este relatório é a oralidade, durante o meu período de estágio tentei ao máximo trabalhá-la com todos os grupos que tive. Qual a importância desta vertente da língua na aprendizagem de uma língua estrangeira? Mais uma vez faço uso da minha experiência enquanto aluna de línguas estrangeiras para afirmar que a oralidade é a prioridade de qualquer aluno. Quando aprendemos uma língua estrangeira a nossa intenção é produzir discurso e conseguir comunicar com os nativos. Por isso, considero que a produção discursiva é muito importante na aprendizagem. No entanto, há vários problemas associados à oralidade de uma língua estrangeira que, muitas vezes, impedem o professor de trabalhar mais nas suas aulas. Considero em particular a escassez de recursos que, muitas vezes, tem de ser ultrapassada pelo professor fazendo-o criar as suas próprias atividades, mas frequentemente os professores não têm o tempo necessário para se dedicarem à criação de atividades e acabam por deixar de parte esta vertente da língua porque nas restantes não há problemas associados à escassez de recursos.

Com a realização deste relatório entendi como central a necessidade de se trabalhar mais a oralidade nas escolas de língua estrangeira e também a importância de o professor ser criativo e flexível. A oralidade é uma vertente muito importante da língua porque os nossos alunos pretendem comunicar e fazer-se entender ao utilizarem a língua em aprendizagem. Na minha opinião, há ainda um longo caminho a percorrer no que toca à criação de atividades didáticas e dedicadas à oralidade. Mas as escolas de língua estrangeira devem optar pela criação de workshops e sessões dedicadas somente à produção discursiva e à partilha de ideias e opiniões, dando assim mais valor à oralidade.

BIBLIOGRAFIA

Ançã, M. H. (2005). Comentário da conferência *O ensino/aprendizagem de uma língua a falantes de outras línguas*, de Maria José Grosso. In *Revista Palavras* nº 27, 37-39.

Borges, Ana P.(2018). *Diversidade linguística e cultural na perspectiva de professores de português língua não materna*. (Relatório de estágio, Mestrado em Ensino do português no 3º ciclo do ensino básico e no ensino secundário e de língua estrangeira nos ensinos básico e secundário, departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Aveiro.)

Carvalho, Carlos M. A Língua portuguesa na era digital. O que quer esta língua? Jornal Público. Disponível em:

<https://www.publico.pt/2019/08/29/culturaipsilon/opiniao/lingua-portuguesa-digital-quer-lingua-1878406> (acedido a 6/2/20)

Castro, Marina B. (2016). *O desenvolvimento de destrezas de oralidade em estudante de português língua estrangeira – componentes: lexical, fonológica, gramatical e discursiva*. (Relatório de estágio, Mestrado em português língua não materna – português língua estrangeira e português língua segunda, Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho)

Chomsky, Noam. (1972). *El analisis formal de los lenguajes naturales*. Madrid: Alberto Corazon.

Coimbra, I. & Coimbra, O. M. (2011). Gramática Ativa. Lidel.

Cunha, C., & Cintra, L. (1999). *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Gilman, R. A. & L. M. Moody (1984). What Practitioners say about Listening: Research Implications for the Classroom. *Foreign Language Annals* 17:331-34.

Gonçalves, Sandra M. C. (2017). *O uso da Abordagem Comunicativa e das técnicas de Peer Correction para desenvolver a competência oral em sala de aula*. (Relatório de mestrado em ensino de inglês e espanhol no 3º ciclo do ensino básico e no ensino secundário, Universidade de lisboa)

Kuzka, R., & Pascoal, J. (2014). *Passaporte para Português 1 - Livro do Aluno (A1-A2)*. Editora Lidel.

Leiria, Isabel. (2006). *Léxico, aquisição e ensino do português europeu língua não materna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Mateus, Maria Helena M., Andrade, A., Viana, Maria do Céu & Vilalva, Alina. (1990). *Fonética, fonologia e morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 28

QECR. (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação*. Portugal.

Richards, J. C., & Schmidt, R. W. (Eds.). (1983). *Language and Communication*. New York: Routledge

Richards, J. C., & Rodgers, T. S. (2001). *Approaches and Methods in Language teaching*. Cambridge: University Press.

Rodgers, J. C., & Richards, J. C. (2001). *Enfoques y métodos en la enseñanza de idiomas*. Madrid: CUP.

Tavares, A. (2012). *Português XXI*. Lidel

VVAA. Universidade de Aveiro. Centro de Línguas e Culturas, ed. Com. (2001-2002). *Cadernos de PLE / Centro de línguas e Cultura*. Aveiro: universidade de Aveiro.

Walker, Roger M. (1966). *The learning of related languages*. London: University, Birbeck College.

Link:

Unesco aprova Dia Mundial da Língua Portuguesa. Observador. Disponível em:
<https://observador.pt/2019/10/17/unesco-aprova-dia-mundial-da-lingua-portuguesa/>
(acedido a 2/2/20)

Carvalho, Carlos M. A Língua portuguesa na era digital. O que quer esta língua? Jornal Público. Disponível em:
<https://www.publico.pt/2019/08/29/culturaipsilon/opiniao/lingua-portuguesa-digital-quer-lingua-1878406> (acedido a 6/2/20)